



## PARTE 1

### Capítulo 1

Quando James descobriu que Betty tinha voltado para Las Anas, estava ainda em seu turno na sorveteria do único shopping que havia na região de La Trinidad, construído três anos antes. Era mais uma galeria do que um shopping, e a sorveteria era bastante frequentada pelos alunos do seu colégio, já que a cidade não era conhecida por oferecer muitas opções de entretenimento. E, embora o maior pesadelo de James fosse ficar dando de cara com aquela gente por aí, ele não podia simplesmente recusar a única oferta de trabalho que apareceu durante o verão e lhe permitiria ter tempo para fazer o curso gratuito que queria em junho.

Podia não parecer, mas sempre havia levado os estudos a sério.

Era a única maneira que enxergava de sair daquele lugar de uma vez por todas.

Foi Inez quem lhe contou sobre o retorno de Betty, é claro. Inez sabia tudo o que acontecia em Las Anas a ponto de James ter certeza de que não havia qualquer segredo que ela não fosse capaz de descobrir. Ser irmão da fofoqueira do lugar normalmente não lhe trazia nenhuma felicidade, mas vez ou outra tinha suas vantagens.

— Como você sabe disso? — ele perguntou, do outro lado do balcão da sorveteria. Era uma quinta-feira à tarde na última semana de férias e o calor estava insuportável. Todo mundo resolvera sair de casa naquele dia para ir à praia, ou para a piscina de algum clube caso tivesse dinheiro o suficiente ou conhecesse alguém que tinha.

Las Anas era uma cidade dividida pelo dinheiro, e o estrato social que determinava quem eram os chefes e os funcionários se aplicava entre os filhos deles também. Ninguém se misturava, embora acabassem precisando frequentar os mesmos lugares. Havia, na verdade, bastante ressentimento a respeito disso, pois os patrões ou vinham de um histórico de segregação muito antigo na cidade ou haviam chegado lá junto com a usina hidrelétrica, que se instalara na região seis anos atrás, e tomado posse de tudo como se lhes pertencesse.

Coisa de gente rica.

Naquele dia a sorveteria estava abarrotada de todo tipo de pessoas, não dando a James um minuto de descanso para conversar com Inez. Porém, quando ela falou de Betty, o garoto se esqueceu de tudo o que estava fazendo e se concentrou na irmã. Os versos de *Aquarius/Let The Sunshine In* tocavam na sorveteria, como durante todo o verão, e eram um eco na mente de James enquanto ele processava o que Inez havia dito.

*This is the dawning of the age of Aquarius.*

É o despertar da era de Aquário.

Inez deu de ombros, lambendo seu sorvete de pistache no cone. James já havia dito mil vezes que não podia ficar dando casquinhas de graça para ela, mas a garota simplesmente ignorava. Já fazia duas semanas que era “a última vez que ele fazia isso”.



— Eu mesma vi ela no carro quando estava vindo pra cá. Além do mais, as aulas voltam segunda, era óbvio que isso ia acontecer nesse fim de semana.

James sabia disso, mas era apenas a quinta-feira. Ele achava que ainda teria alguns dias para se preparar. Sentiu o coração acelerar dentro do peito e ficou tenso.

Inez se segurou para não rir do irmão suando frio, mas sabia muito bem o motivo pelo qual ele estava tão nervoso. Nem era preciso ser Inez, nesse caso, para saber. Eles dividiam a mesma casa, afinal de contas, e seria preciso ser muito desatenta para não ver o carrão da brasileira intercambista parando regularmente em frente à garagem durante todo o verão no meio da madrugada. James saía do carro e entrava em casa em silêncio, tentando não ser visto, mas não fazia um bom trabalho. Um carro daquele no bairro deles chamava atenção por si só, e Inez não fora a única a reparar.

O garoto engoliu em seco e ela lambeu o sorvete de novo, o analisando.

— Você vai tentar falar com ela?

James fechou a cara e a caixa registradora, que ainda estava aberta.

— Não é da sua conta — disse, na defensiva. — Agora vai embora porque o movimento tá grande hoje, não posso ficar aqui perdendo meu tempo contigo.

Inez revirou os olhos, sem se abalar.

— Tá bom então, imbecil. Depois não vem pedir minha ajuda sobre como falar com ela.

— Eu nunca te pedi ajuda — ele pontuou.

— Mas também não negou quando eu me voluntariei caridosamente no início do ano. — Ela não deixou barato. — E olha só no que deu quando você resolveu se rebelar e parar de me ouvir.

A resposta veio à ponta da língua dele, mas James a engoliu de volta. Cerrou as mãos em punho, com raiva de Inez, mas a raiva maior, na verdade, era de si mesmo. Ele tinha todos aqueles sentimentos guardados dentro de si, se movendo como uma correnteza de lava, inexplicáveis e gigantes demais para sua mente conseguir entender com clareza antes que se metesse em uma enrascada, que foi o que acabou acontecendo. James até poderia xingar sua irmã e mandá-la ir embora, mas sabia que ela estava certa sobre a parte fundamental daquela história:

Ele tinha sido muito burro. E agora não fazia ideia se era tarde demais para consertar seus erros.

Inez acabou indo embora quando avistou as amigas passando pelo corredor do shopping e James continuou servindo as famílias e os filhinhos de papai que estudavam com ele e o olhavam como se ele fosse apenas isso, um serviçal. Deu graças aos céus por, pelo menos, Marlon não ter aparecido naquele dia, porque estava mexido demais por Betty ter voltado para a cidade e não saberia se segurar na primeira provocação que o rapaz com certeza jogaria para cima dele.

Normalmente James não lhe dava essa satisfação, motivo pelo qual ele o odiava ainda mais e o provocava sempre que batia os olhos nele. James tinha certeza de que o sonho de Marlon era fazê-lo perder a compostura e também o seu emprego por causa disso – e, pela satisfação de dar um murro na cara do mauricinho, James tinha que concordar que era tentador. O próprio Marlon



era quem queria apenas uma oportunidade para dar um soco em James sem ter sido o primeiro a começar a briga, para fingir que estava apenas “se defendendo do selvagem”.

Não seria Marlon se não jogasse sujo, e James jurou a si mesmo que jamais cederia.

Mas Betty era o seu calcanhar de Aquiles.

Marlon provavelmente já sabia sobre o retorno dela também. Geralmente quando Inez tomava conhecimento de alguma coisa, fazia questão de espalhar para o resto da cidade, que ficava sabendo de tudo em questão de minutos. Ela nem mesmo precisava ter ido em pessoa contar aquilo para James, mas queria ter a satisfação de ver a expressão no rosto dele.

Tinha valido a pena.

Ele passou o resto da tarde pensando nisso.

Pensando em Betty cruzando o país novamente, voltando do seu retiro na casa da tia em Farol da Barra, no Sul, onde as praias eram mais azuis e mais bonitas. Ela devia estar queimada de sol até, após ter passado as férias lendo à beira da piscina e dando mergulhos no mar de vez em quando, só para variar. Ele daria tudo para ter podido falar com ela durante aqueles meses, quando o verão se arrastou por ele como dias áridos e castigantes, o fazendo queimar de dentro para fora pela saudade e pela raiva, que se transformou também em remorso quando ele encontrou sua distração.

James balançou a cabeça, não querendo pensar naquilo. A culpa o rasgava e era multifacetada, tanto por Betty quanto por Agosto. Ele nem sequer gostava de pensar no nome dela, porque a tornava mais real, porque fazia o peso em sua consciência ser maior quando se dava conta de que ela era uma pessoa concreta. Era o rosto dela em seu calendário, as mãos dela ao seu redor, os lábios com gosto de sal em sua pele e em sua boca também. Eram as conversas que ele conseguia ter com ela quando achava que seria impossível e, de repente, tudo fazia muito mais sentido em sua cabeça.

Mas essas conversas só eram possíveis porque ela era Agosto, era a mão que se estendera para ele, assegurando que poderia salvá-lo da própria mente se ele se comprometesse a não pensar em mais nada que não fosse a sensação do corpo dela. E James se deixara levar, ele caíra naquela enrascada conscientemente e se desligara como se Agosto fosse um furo no espaço e no tempo, não existisse de verdade.

Mas agosto tinha chegado ao fim, e as consequências dos seus atos batiam à porta.

Ele levou o lixo para fora da sorveteria ao fim do expediente, ciente de que era esse o horário em que ela costumava passar por lá. Colocou a sacola na lata que ficava atrás do shopping e encarou o horizonte laranja e cor-de-rosa. Nem precisava confirmar no relógio de pulso para saber que ela deveria estar chegando. Estacionaria ali e esperaria por ele até que terminasse tudo o que tinha para fazer. E então eles dirigiriam para além das barreiras que prendiam James ao mundo real e ele se sentiria verdadeiramente livre, como na Era de Aquário.

Naquele fim de dia, entretanto, ela não estava mais lá. Havia ido embora, assim como o mês de agosto, completamente fora do radar do rapaz. E ele não sabia como se sentir a respeito disso.



Aliviado, em parte, por não precisar encará-la enquanto já se martirizava sozinho. Mas também era como se um elemento fundamental da pessoa que ele tinha se tornado estivesse faltando.

O ano não estava completo sem seu oitavo mês, afinal de contas.

Mas lá estava James pensando em Betty de novo, como o eclipse tampando o sol do verão e lhe mostrando toda a escuridão que ele próprio tinha trazido para sua vida. Ele pensava em Betty e sentia o coração despencar; sentia faltar não somente um mês do ano, mas o tempo como um todo.

Ela tinha voltado. Ela estava, agora mesmo, caminhando pelas mesmas ruas que ele, embora não da mesma maneira. Ela estava, agora mesmo, respirando o mesmo ar úmido que ele, no mesmo calor escaldante do verão em Costa Malva. E, durante todo o trajeto de ônibus, James se perguntou o que mudaria agora que ela estava em casa.

Ela havia voltado para Las Anas, mas isso significava que voltaria para ele também?

Era isso o que gostaria de descobrir, mas também do que tinha mais medo.



## Capítulo 2

James enfrentou o pior momento de sua vida quando Betty foi embora.

Ele sabia que ela voltaria e que passar o verão inteiro na casa da tia em Farol da Barra era uma atividade pela qual ela estivera esperando o ano todo. Ele se arrependia amargamente de nunca ter pego o número do telefone da casa, já que seria a única maneira de se comunicarem durante aquele período, mas na época não conseguia se permitir ter esperança o suficiente de que Betty e ele ainda estariam juntos quando o verão chegasse. Não conseguia se permitir pensar que ela o queria por muito tempo porque seria doloroso demais quando a verdade o atingisse e ela se despedisse dele com um “foi legal enquanto durou”.

James já estava acostumado às coisas não durarem. Principalmente aquelas que eram boas.

Todo seu relacionamento com Betty, que começara no início do ano, parecia um sonho. Mesmo no auge do romance, quando ele passava dias pensando nela e a encontrava na calada da noite para terem suas aventuras juntos, James não conseguia acreditar que aquilo estava mesmo acontecendo. Quando ele a beijava, era com desejo e também com medo de ser a última vez, de qualquer coisa mais importante acontecer e roubar aquele sonho sem piedade.

Mal sabia o rapaz que ele próprio seria o grande vilão da história.

Enquanto pedalava pelas ruas da cidade em direção à escola, James sentia o coração bater na mesma frequência dos pensamentos que o martelavam. Ele não tinha conseguido dormir direito desde que descobrira que Betty estava por perto de novo, em parte por causa da ansiedade, em parte porque já tinha se acostumado a ir dormir bem tarde. Passara o fim de semana inteiro inquieto, pensando se deveria aparecer na casa dela, mas o que diria? Será que ela sabia sobre Agosto?

A vontade do garoto de desaparecer quando pensava nisso transformava seus movimentos em pura inércia. Ele fazia o que precisava fazer, porque estava no automático, enquanto o cérebro fritava em angústia e desejo por todas as coisas que ele não tinha mais. Todas as coisas que, agora ele percebia tarde demais, foram dele durante os melhores meses de sua vida.

Ela tinha sido dele e escapuliu do seu abraço.

Ele tinha sido quem correu como água pelas mãos dela e desapareceu.

Mas naquele dia finalmente a veria de novo.

— Você não vai acreditar no que vai rolar esse fim de semana — disse Yoda, aparecendo ao seu lado como se tivesse sido conjurado.

James fechou a porta do armário, com os livros já dentro da mochila, e encarou o amigo.

— Algo me diz que você vai me contar agora.

James e Yoda tinham o mesmo nome, José, e eram melhores amigos desde a pré-escola. Quando entraram no ensino médio (ou ensino secundário, como é chamado em Costa Malva), acabaram recebendo apelidos de calouro que grudaram nos dois de tal maneira que ninguém os conhecia de outra forma. José Pedro passara a ser Yoda, por causa de sua baixa estatura e orelhas grandes, e José Felipe se tornara James, por sua semelhança com James Dean que ele próprio não



sabia de onde vinha. Afinal de contas, apesar de ter uma pinta de galã misterioso e um cabelo esvoaçante que chamava a atenção, mesmo que indesejada, seus traços não tinham nada a ver com os do ator, já que era descendente de libaneses.

Yoda abriu um sorriso largo e animado.

— Festa na casa da Betina — ele disse, sem qualquer ideia do quanto fez James quase ter uma convulsão.

O rapaz o encarou como se estivesse falando uma língua estranha e o corredor onde estavam pareceu rodar.

— Como assim?!

— É aniversário dela, camarada. Você devia saber.

Era claro que ele sabia. Mas não estava esperando por uma festa.

James piscou algumas vezes, com a expressão tensa enquanto sentia tudo dentro dele arder.

— E você por acaso foi convidado?

Yoda riu.

— Fui nada, mas você sabe como essas coisas são. Ela chama alguém, que chama alguém, que chama alguém...

— E você tá pensando em ir, então.

— Óbvio. — Yoda observou o amigo com a testa franzida. — Achei que você também fosse querer.

James balançou a cabeça, achando que aquilo era óbvio.

— Não dá pra eu aparecer de penetra na festa da Betty, cara. Eu acho que ela ia me colocar pra fora a paulada.

Yoda ponderou, não achando a ideia assim tão ruim.

— Talvez. — Deu de ombros e cruzou os braços, se apoiando nos armários ao seu lado. — Embora eu não consiga imaginar a Betty partindo pra cima de ninguém.

*Isso é porque você não conhece ela como eu conheço*, foi o que James pensou. Mas mordeu a língua, porque já estava tenso o suficiente com a situação. Passou as mãos pela cabeça, meio desesperado, o que não era habitual. Muito pelo contrário. Geralmente era aquele que conseguia refrear as próprias emoções como ninguém, que era difícil de ler, embora sua mente sempre estivesse um caos.

Às vezes achava que não conseguiria respirar, mas ninguém ficava sabendo. Ninguém, é claro, além de Betty, que conseguia deixá-lo vulnerável de uma maneira alarmante. Ela conseguia ultrapassar sua pele e enfiar a mão dentro do peito dele, apertar seu coração com força e transformar James em apenas algo que lhe pertencia. Ao mesmo tempo, foi por causa dela que ele despertou para a própria vida e os próprios desejos.

— Eu acho que você devia ir. — Yoda colocou pilha. — E levar a Inez junto.

James soltou uma risada de escárnio.

— Como se a Inez precisasse de mim pra ir pra qualquer lugar.



Os dois caminharam até a primeira aula do dia, que por sorte era a mesma. Tinham pego a mesma grade e só se separariam nas aulas de matérias específicas, nas quais divergiam. No ano anterior, Betty também estava na mesma grade horária de James, mas ele descobriu logo no primeiro tempo que isso não se repetiria. Ficou desapontado, mas por causa disso não conseguia parar de pensar na festa que ela daria e se, talvez, Yoda não estava certo.

Sua certeza veio abaixo quando ele a viu a distância no corredor e entrou na primeira sala vazia para que ela não o visse também. O batimento cardíaco acelerou e James se sentiu ridículo, se escondendo como uma criança. Ele coçou a testa, tentando raciocinar, mas só conseguiu relaxar de verdade quando pôde ir embora para casa. Quando chegou, sua mãe estava se preparando para sair.

— Oi, filho — ela o saudou, dando um beijo apressado na bochecha do rapaz, que tinha crescido vinte centímetros a mais que ela. — Já tô indo pro meu plantão, mas tem comida no fogão. Só esquentar.

James assentiu. Fazia tempo que quase não via a mãe. Durante todo o verão, ela nunca estava em casa quando ele estava, exceto algumas noites quando o pegara chegando de carona com Agosto.

— Quem era no carro com você? — ela perguntara da primeira vez, curiosa. Tinha certeza de que James e Betty estavam namorando, embora o garoto não contasse nada para ela.

— Ninguém — James disse, querendo encerrar aquele assunto, mas a mãe era insistente. Seria mais se não estivesse sempre cansada por causa da carga pesada de trabalho, sempre pegando um plantão atrás do outro para poder sustentar a família de três pessoas.

James se lembrava ainda de quando a mãe estava estudando para ser enfermeira quando ele e Inez eram crianças, virando noites para se formar porque também precisava trabalhar como garçom e havia um número limitado de horas em um dia. James sempre achou que sua mãe era uma heroína que conseguia multiplicar o tempo e, mesmo agora, já crescido e sem acreditar em fantasias, ainda a enxergava com olhos de admiração e cuidado.

Ele enxergava também a injustiça da coisa toda, embora a mãe tivesse conseguido melhorar de vida desde que se formara. Mas era uma vida difícil, sempre focada em poder dar um futuro melhor aos filhos, que entenderam desde cedo o valor que todas as coisas tinham – desde o preço do leite no mercado até o privilégio de dormir oito horas seguidas. O dinheiro era uma preocupação constante, e James sabia que, se quisesse ser alguém na vida, precisaria dar todo seu sangue e sua energia para ser bem-sucedido.

Ao contrário de Betty (e também de Agosto), ele vivia no lado da cidade de Las Anas que as pessoas fingiam não enxergar. E, embora não tivesse vergonha de quem era e de onde vinha, nunca conseguira confiar cem por cento que Betty sabia o que estava fazendo ao se envolver com um cara como ele.

Ele não podia dar a ela a vida que Marlon poderia, por exemplo.

Ele sempre sentira como se estivesse correndo contra o tempo, sem querer se permitir sonhar longe pelo risco de cair feio demais. E Betty fazia parte disso.



— Tá tudo bem? — Arlete perguntou enquanto embrulhava uma maçã para levar na bolsa. Ela se preocupava bastante com ele e seu jeito caladão; sempre tentava conseguir qualquer informação, mas não era fácil. Inez tinha nascido tagarela por eles dois.

James assentiu, mas a mãe podia notar que tinha algo errado. A expressão no rosto dele era a de alguém que observa um precipício enquanto tenta se convencer de que vai dar tudo certo se pular, ao mesmo tempo em que o lado racional do cérebro mantém seus pés no chão. Mas o desejo por voar parecia estar ficando maior do que a própria razão, e seus olhos intensos e aflitos não o deixavam mentir.

— Você brigou com sua namorada?

James soltou um suspiro e revirou os olhos.

— Lá vem você com isso de novo. Já falei que não tenho namorada.

— É, mas aquela menina rica que sempre te dava carona às quatro da manhã nunca mais apareceu — ela disse. — Você nunca me contou quem era ela.

— Mãe... — James advertiu.

Arlete cruzou os braços, sem demonstrar qualquer abalo.

— José Felipe, não me diz que você tá iludindo a menina.

— Eu não tô iludindo ninguém, mãe — ele se defendeu. E pelo menos nisso estava sendo sincero. Nunca dera qualquer motivo para ninguém achar que ele era mais do que de fato era. James estava disposto a dar tão pouco de si para qualquer um que acabava se vendendo barato demais.

Arlete estreitou os olhos, ainda desconfiada, mas não tinha tempo para continuar aquela conversa.

— Bom, se alimenta, por favor, e diz à sua irmã pra fazer o mesmo quando ela voltar.

Ela deu outro beijo na bochecha dele e saiu de casa, apressada. James se jogou no sofá, pensando sobre as expectativas que se achava incapaz de cumprir. Será que Agosto esperava algo de que ele nunca estivera ciente? Será que doía tanto pensar em Betty porque ele sabia muito bem o quanto a tinha decepcionado ao descumprir seu combinado?

E então as dúvidas estavam lá de novo, o fazendo questionar tudo a respeito de si mesmo e o padrão de suas escolhas recentes. Como ele poderia acreditar que Betty gostava dele de verdade quando ele próprio não tinha qualquer apreço por si mesmo?